fazer história contemporânea

ESTUDOSDOSÉCULO XX

número 11 • 2011

SEPARATAS

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Na procura de novos temas de História Contemporânea

os *Sokols* ou Falcões Portugueses de Cabo Verde (1936-1939)

Maria Adriana Sousa Carvalho

Maria Adriana Carvalho, Doutora em Ciências da Educação, na especialidade de História da Educação, Universidade de Lisboa. Professora Auxiliar da Universidade de Cabo Verde. Pró-Reitora para a Graduação, Inovações Pedagógicas, Educação a Distância e Assuntos Académicos, Universidade de Cabo Verde. E-mail: adriana.carvalho@docente.unicv.edu.cv

> [A cidade de Mindelo] arquitectada em estilo e influência portuguesa dos sécs. XVIII e XIX, com ruas estreitas, calcetadas à portuguesa, com edifícios e casas de altos pés direitos e onde pontificavam janelas com persianas e varandas pombalinas, a maioria dessas casas continha os chamados sobrados, tão característicos das zonas tropicais em que os Portugueses deixaram as suas marcas. A cidade abrigava uma população, quase cem por cento mestiça, produto de uma miscigenação de quase cinco séculos, reflectindo ainda um tipo de escravatura social de predomínio escravocrata. Dividida em pelo menos três classes sociais, na primeira contavam-se os indivíduos (mestiços brancos), ainda descendentes dos antigos senhores, proprietários de terras, abastados comerciantes, alguns médicos, advogados provisionários, alguns professores de instrução primária, altos funcionários e alguns portugueses (chamados *mondrongos*) residentes, e que exerciam actividades no comércio ou no funcionalismo. A colónia estrangeira era constituída mais por Ingleses que, embora levando uma vida social à parte, eram considerados como pertencentes à 1ª classe, à elite. Não obstante a sua distância em relação à sociedade autóctone, deixaram nela os seus traços, tanto nas elites como no povo. Costumes tais como o tomar *whisky com soda* à tardinha e o *gin* e *tonic* de manhã, antes do almoço, o consumo do sacramental chá da Índia, o uso do *smoking* para festas e bailes importantes, desportos como o *tennis*, o *golf*, o *cricket*e talvez a *corrida-a-pau*, a utilização permanente, em época estival, do *short* (calções) ou mesmo no dia-a-dia, a introdução de termos ou mesmo de expressões de língua inglesa no léxico corrente, alguns hábitos alimentares como o café da manhã acompanhado de ovo estrelado ou «quente», com toucinho ou *bacon*, etc. generalizaram-se de tal ordem no sistema culinário sanvincentino que, mesmo, presentemente não podem ser tomados como resíduos, mas como modelos ou padrões enraizados e interiorizados.
>
> (Mesquitela Lima, 1992, p. 31-32)[1]

A epígrafe que abre este texto situa-nos na cidade de Mindelo, na província de Cabo Verde nos anos trinta do século XX, onde eclodiu o movimento associativo Os Falcões Portugueses de Cabo Verde ou *Sokols* de Cabo Verde.

Na procura da inteligibilidade da condição histórica e cultural de uma sociedade flagelada pelas estiagens e governação colonial, deparámo-nos com uma organização juvenil modelada no paradigma dos *Sokols* da Checoslováquia[2] que, insolitamente, vivificou na cidade de Mindelo, no período de 1932 a 1939 e se autodissolveu face ao ónus institucional da Mocidade Portuguesa.

---

[1] LIMA, Mesquitela – *A poética de Sérgio Frusoni: uma leitura antropológica*, p. 31-32.

[2] "Miroslav Tyrš, admirador do ideal grego da *kalokagathia* e Jindřich Fügner criaram a União Praguense de Cultura Física (1862) com o objectivo da elevação do nível físico, espiritual e moral da nação checa, educação para um comportamento honesto em favor da democracia, amor à terra natal e veneração para com o legado espiritual nacional. [...] O carácter patriótico e cívico deste movimento maciço tornou-se um espinho nos olhos do poder austríaco, logo que a guerra mundial eclodira [...] e durante a ocupação alemã (1939-1945) os Sokols foram perseguidos como o grande grupo da resistência nacional, sendo a organização oficialmente proibida em 1941." KLIMA, Jan – *Falcões (Sokols) de Cabo Verde: história e legado*, p. 1.

A imprensa da época desvendou manifestações tangíveis da cultura do carácter promovidas por um movimento de inspiração não lusitana. O tempo existencial vivido foi encenado no romance "Capitão de Mar e Terra", de Henrique Teixeira de Sousa[3] e resguardado na memória da sociedade mindelense. Ao folhearmos o álbum de fotografias de Manuel Nascimento Ramos[4], "abrimos as palavras e as coisas, descobrimos os enunciados e as visibilidades, a fala e a visão"[5] dos itinerários dos Falcões de Cabo Verde.

O presente texto pretende resgatar a memória dos *Sokols* na cidade colonial, a partir da narrativa ficcional de Teixeira de Sousa, num confronto crítico com as fontes documentais. Ao tentarmos resgatar a identidade dos jovens *Sokols*, na ilha de S. Vicente, mesclamos o subjectivismo da narrativa ficcional e a objectividade da dimensão histórica, a memória (social e pessoal) reinventada e os factos ocorridos e não imaginados (comprovados pelas fontes). O romancista-personagem intercala a história da cidade de Mindelo com lapsos das histórias de figuras míticas conhecidas dos leitores – os Falcões Portugueses de Cabo Verde.

Origens

> Joel Sokol falava com fluência, com ar de chefe, e respeitando a gramática. Estudou no Seminário-Liceu de São Nicolau[6], embora não tivesse chegado ao fim. Por isso, era tão profundamente católico, nada tendo portanto a ver com a juventude hitleriana a organização que fundara em Cabo Verde, por inspiração, sim, dos Sokols de Praga. O que havia era um pouco de inveja por parte daqueles que, sendo pessoas importantes, nunca conseguiram, nem conseguiriam, empolgar a juventude mindelense como ele, Joel, conseguiu. Era só ver, todas as tardes, a correria de rapazes e raparigas para o quartel dos Sokol. Desde que Joel inventou os Sokols, não mais os botequins e a Praça Nova viram um mancebo nos dias úteis da semana a gastar o seu tempo em grogues ou conversas de asneiras. A partir das cinco da tarde, a mocidade passou a fazer ginástica,

---

[3] Henrique Teixeira de Sousa [1919-2006] foi membro associado nos Falcões Portugueses de Cabo Verde. Licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa e com a especialidade em Medicina Tropical e Sanitária é autor de uma vasta obra literária. Além do romance que analisamos, *Ilhéu de Contenda* (Lisboa-Praia, 1978), *Contra mar e vento – livro de contos* (Lisboa, 1984), *Xaguate* (Lisboa, 1987), *Djunga* (Lisboa, 1990), *Na Ribeira de Deus* (Lisboa, 1992) e *Oh mar das túrbidas vagas* (Lisboa, 2005).

[4] Manuel Nascimento Ramos e a esposa, Ivone Ramos abriram-nos as portas da sua casa, na cidade de Mindelo e colocaram à nossa disposição o álbum de fotografias dos *Sokols* de Cabo Verde. Manuel Ramos foi membro associado dos Falcões de Cabo Verde e escreveu as memórias da organização no livro *Mindelo d'outrora* (2003).

[5] DELEUZE, Giles – *Foucault. Os estratos da formação histórica*, p. 87.

[6] O Seminário Eclesiástico da Diocese de Cabo Verde foi criado por Decreto de 3/9/1866, na ilha de S. Nicolau e extinto por força da Lei n.º 701, de 13/7/1917. Foi Seminário e Liceu, com duas classes dos alunos, "dos que se destinam ao estudo eclesiástico; dos que quiserem estudar no mesmo estabelecimento sem se destinarem à vida eclesiástica" (Decreto, de 3/9/1866, art. 7º). "Formou a «inteligentzia» que vai permitir a «cabo-verdianização» do funcionalismo público de Cabo Verde (dir-se-ia hoje «localização») levando a uma espécie de emancipação administrativa da colónia a nível do pessoal". OLIVEIRA, João Nobre – *A imprensa cabo-verdiana (1820-1975)*, p. 80.

a marchar, a aprender a ser disciplinada, desenvolta, pura e sã, na parada do quartel dos Sokols no rabo da Salina. O lema era: «*Mens sana in corpore sano.*»[7]

Joel Sokol [Joel da Silveira] é a personagem do romance de Teixeira de Sousa que corresponde à de Júlio Bento de Oliveira[8], comandante dos Falcões. Júlio Rendall, filiado da organização, recorda-o, bem como as origens do movimento: "Ele tinha um barquito chamado Sereia, sabia inglês e, numa das viagens a Santo Antão, lera um artigo sobre a *Sokol* de Praga, uma associação que estava a contribuir com os seus trabalhos cívicos para o desenvolvimento da Checoslováquia. Funda-se algo do género, em S. Vicente, com meia dúzia de indivíduos. A malta foi aderindo, com gente do liceu e também com trabalhadores da Companhia"[9]. A Associação denominada *Falcões Portugueses* ou *Sokols de Cabo Verde* foi fundada, na cidade de Mindelo, no ano de 1932[10]. Henrique Ferreira Lima, na brochura *Relações entre Portugal e a Tchecoeslováquia* cita o *Diário de Notícias*, de 30/7/1935, que alude a "uma grande parada dos *sokols* portugueses, em 16 de Julho, em São Vicente de Cabo Verde"[11].

Estética da juventude

> Noite avançada, no momento em que se dançava uma valsa, entrou o comandante dos *Sokols*. Chegou muito tarde, talvez porque estivesse de serviço no Telegraph. Surgiu reluzente no seu dólman braço cravado de estrelas. Por sobre a pala do boné pousava um falcão de asas abertas. Mochim do Monte fiou com o arco no ar. A juventude perfilou-se em saudação do Sr. Joel. Feitas as continências, soou com vigor o grito de guerra: «Dreizdrau, zdrau, zdau». Imediatamente lhe meteram uma dama entre os braços e ordenaram à orquestra que reencetasse a peça. O Sr. Joel conseguiu deveras abrir as pálpebras das acompanhantes na valsa em que rodopiavam as estrelas, o talabarte e o cinturão, o falcão de bico adunco e asas desfraldadas, rodopio delicado, emparceiramento folgado, discreto, não a colagem indecente dos pezinhos de agora. Aquilo, sim, aquilo é que era dançar como devia ser.[12]

---

[7] SOUSA, Henrique Teixeira – *Capitão de mar e terra*, p. 129.

[8] Júlio Bento de Oliveira frequentou o Seminário-Liceu de S. Nicolau não tendo concluído o curso devido á sua extinção em 1917. Foi funcionário da Western Telegraph Company (1922- 1958) e Presidente da Câmara Municipal de Mindelo (1947-1960). Foi o mentor e comandante dos Falcões Portugueses de Cabo Verde.

[9] Luís Silva Rendall foi entrevistado por José Vicente Lopes, em 31/5/1995. LOPES, José Vicente – *Cabo Verde: Os bastidores da independência*, p. 92.

[10] Estatutos dos «Falcões Portugueses de Cabo Verde», 23 de Outubro de 1934. *Boletim Oficial da Colónia de Cabo Verde*. Praia: Imprensa Nacional. N.º 52 (29 de Dezembro de 1934).

[11] Jan Klíma explica que, em 1932, o Dr. Gomes dos Santos, chefe do Núcleo Educativo da Propaganda Educativa visitou a IX Festa dos Sokols (*Sokolskýslet*) em Praga e que o jornalista Armando de Aguiar descreveu a mesma festa para o *Diário de Notícias*. No mesmo ano esteve em Praga o General Ferreira Martins que informou a revista *Pestrýtýden (Variedades da Semana, 9-6-1932)* sobre as actividades dos Sokols Portugueses (2008, p. 1).

[12] SOUSA, Henrique Teixeira – *Capitão de mar e terra*, p. 103-104.

Os Estatutos da Associação dos Falcões Portugueses de Cabo Verde, de 23/10/1934[13], comprovam a coreografia do aprumo, da força e disciplina.

> Art. 88º. O uniforme pode ser em drill branco ou kaki para 1.º, 2.º e 3.º oficiais e sub-oficiais. Será igual para todos e constituído por:
> 1º - Dolman com gravata preta, calças e sapatos da côr do dolman, boné branco com pala de verniz preto, ou boné bivaque da mesma côr do dolman;
> 2º - Os chefes dos juniores usarão, de ordinário, dolman em kaki, calção azul, com boné marujo à americana, e nos exercícios usarão, obrigatoriamente, uma camisola branca, calção azul escuro e sapatos de lona branca;
> 3º - Os oficiais e sub-oficiais da Secção Náutica usarão, de ordinário, calças de flanela creme, sapatos brancos, casaco azul do tipo «Yactman» e boné com pala de verniz preto;
> 4º - Os chefes e juniores da Secção Náutica usarão, de ordinário, bluza à maruja com calção azul, e em exercícios da Secção uma camisola especial, mas de modêlo aproximado dos outros;
> [...]
> Art. 90º. Os membros do Conselho da Organização, bem como os oficiais de carreira escolar, terão distintivos especiais além da sua patente a saber:
> *a)* O 1º Comandante, um círculo dourado envolvendo as estrêlas;
> *b)* O 2º Comandante, um triângulo dourado envolvendo as estrêlas;
> *c)* O Ajudante, um ângulo com o vértice virado para cima e estrêlas;
> *d)* Os oficiais do 7º não dos Liceus, dois traços dourados por baixo das estrêlas;
> [...]
> § único. Usarão também um cordão amarelo que passa pela platina do lado direito, indo prender ao apito de comando dentro do bolso do mesmo lado.

O *Boletim dos Falcões de Cabo Verde* (Jan. 1936) descreve "uma formatura branca de aproximadamente 80 oficiais de calção, camisa e bonet à americana", que entoavam em coro: "Drel: Zdraus / Zdrau! / Zdrau!Zdrau! E alegres cantemos com ânimo. É o grito dos novos no seu elemento"[14].

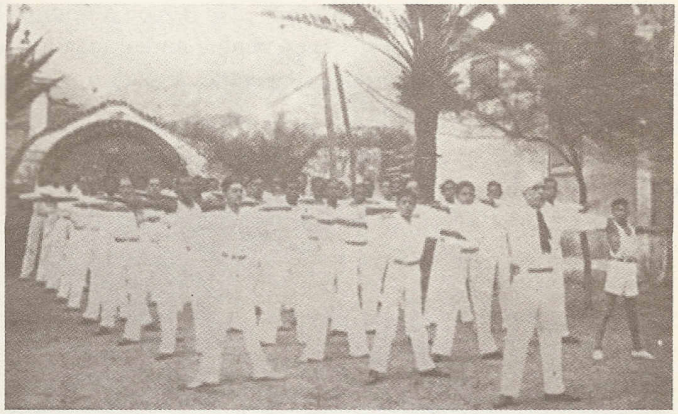
Sokolinas

> Duas filas de *sokolinas* ladeavam o féretro, impecáveis nos seus uniformes brancos, o estandarte da organização inclinado pesarosamente, a banda cadenciando acordes doridos, passos após passo em direcção à última morada. Ó xente, quem foi que morreu?

---

[13] Segundo Luís Rendall, os estatutos da associação foram redigidos por Baltasar Lopes da Silva, professor do Liceu de Mindelo e um dos fundadores do Movimento Claridade. In LOPES, José Vicente – *Cabo Verde: Os bastidores* ..., p. 92.

[14] FIGUEIREDO, Saint' Aubyn – "Zdrau, zdrau, zdrau (digressão a João d'Évora)". *Boletim dos Falcões Portugueses de Cabo Verde*, p. 2.



Exibição dos Cadetes dos *Falcões Portugueses* de Cabo Verde, Mindelo, 1934[15]

Foi aquela rapariga do Canal Gelado que andava fraca de peito. Quem? Tanha? Tanha morreu? Ah, coitada da Tanha! Era tão bonita, tão boazinha! Ali vai um anjo para o Céu. Era uma rapariga inteligente, já estava muito adiantada no liceu. Uah, colegas do liceu não vieram ao enterro dela? Não vieram, como? Não vês aquelas raparigas fardadas de branco? Aquelas são dos Sokols. Ah, pois, Sokols e liceu é quase a mesma coisa. Todos os estudantes são dos Sokols. Mas tem gente que não é do liceu. Tem sim. Tem gente de todas as camadas. É uma disciplina, menina, que nem de quartel! Eu vou meter-me no Sokol. Porque não? Quem sabe se a tua vida não mudava. Olha, lá tem ginástica, tem escola de tudo. É preciso pagar alguma coisa? Não, menina, é tudo de graça. Adé, de graça como? De graça, sim. O Sr. Joel é que sustenta os *Sokols*. Tudo que ganha no Telegraph gasta ali no rabo da Salina. Mas esse Sr. Joel é um homem formidável! Então não é? Imagina que ainda há pessoas que acham o Sr. Joel maluco. Maluco porque traz a mocidade num fogo de entusiasmo, com marchas, tambores, cornetas pelas ruas da Morada? E Sokols não é só isso. É também uma escola de virtudes. Lá a gente tem de ser pontual, verdadeira, camarada. Mas tu és dos Sokols?

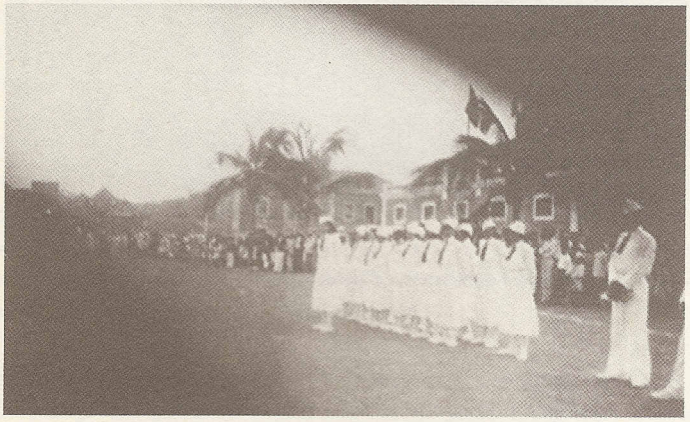
Ah, coitada de mim! Menina, conheces a minha vida.[16]

A presença de raparigas no movimento associativo é testemunhada pela imprensa coeva. O Conselho da Organização publicou no *Notícias de Cabo Verde* (Ago. 1934), uma nota de agradecimento a todos os pais pela "gentileza de assistirem, aos exercícios

[15] As fotografias apresentadas no artigo pertencem ao acervo pessoal de Manuel Nascimento Ramos e Ivone Ramos, Mindelo.

[16] SOUSA, Henrique Teixeira de - *Capitão...*, p. 88-89.

de suas gentis filhas, às 17 horas, todos os sábados"[17]. No mesmo periódico (Fev. 1935), "o distinto poeta e orador eloquente José Lopes, saudou muitas meninas [que] fazem parte da Corporação [...], flores de ternura e esperança a matizar o soberbo quadro das aspirações poéticas desta instituição"[18].



Formação de *sokolinas*, Mindelo, 1934

Itinerários urbanos

Quando os *sokols* saíam à rua todo o mundo era sacudido por um sismo interior. Mancos e aleijados, sabidos e néscios, gatos e cães, viravam possesso, com vibrações que ainda mais acirravam a marcialidade joelina. O roteiro era sempre o mesmo. Partiam da Salina rumo à Rua do Coco. Daqui subiam até ao liceu, virando à esquerda na direcção do Palácio do Governo. Desciam a rua de Lisboa, curvavam à direita, entrando na rua Infante D. Henrique. Os ingleses da Western Telegraph vinham bisbilhotar enquanto os alvos dólmanes se distanciavam para o lado da Praça Nova, que contornavam, metendo-se em seguida na rua de Camões. Desta rua torciam para a rua Machado, em marcha cadenciada, até ao Senhor António Sapateiro, passando pelas traseiras da Câmara Municipal, a caminho da Rua da Moeda. O caudaloso rio vinha finalmente desaguar no ponto de partida., ou seja, no largo da Salina. E assim não seria outro o itinerário nessa manhã radiosa em que os *sokols* mais uma vez provavam a sua força e disciplina, em beleza, bem entendido.[19]

[17] *Notícias de Cabo Verde*. N.º 98 (25 Ago. 1934) p. 3.

[18] LOPES, José – *Notícias de Cabo Verde* (15 Fev. 1935) p. 4.

[19] SOUSA, Henrique Teixeira - *Capitão...*, p. 149.

O único jornal da cidade e da colónia, *Notícias de Cabo Verde* (1938), descreve um desfile dos *Sokols*, por ocasião das festas do centenário da cidade de Mindelo: "impecáveis e garbosos na sua marcha e perfeitos nos exercícios exibidos, arrancaram do público palmas vibrantes, sendo no final delirantemente ovacionados quando, num dos exercícios, a assistência se surpreende com a formação da frase «Viva Mindelo», constituída pelos corpos dos simpáticos atletas, irmanados com a terra"[20] (1938, Junho 15).

Marcha dos *Falcões Portugueses* de Cabo Verde em frente à Câmara Municipal de Mindelo, 1938

A municipalidade[21] saudou a colaboração da associação que concorria para a educação integral da juventude, pois além de almejar "combater a decadência física do povo", estabelecia "a conveniência da necessidade social da ordem, disciplina e trabalho"[22] (art. 2º, Estatutos, 23/10/1934). Manuel Nascimento Ramos (2003) evoca o movimento a que pertenceu, que ensinou "à juventude da nossa terra o civismo,

[20] *Notícias de Cabo Verde*. N.º 170 (15 Jun. 1938).

[21] Os fundos da Associação eram provenientes "do Governo, da Câmara Municipal de S. Vicente, das Câmaras de outras ilhas onde tiverem delegações, das multas recebidas dos membros activos, das receitas de festas promovidas pela Associação e das dádivas dos amigos da mesma" (Art. 5º, Estatutos dos «Falcões Portugueses de Cabo Verde», 23 de Outubro de 1934).

[22] Art. 2º, Estatutos dos «Falcões Portugueses de Cabo Verde», 23 de Outubro de 1934.

o cumprimento dos deveres de cidadão para com a terra natal; o respeito pelo seu semelhante, toda a espécie de ginástica e atletismo, desde a barra, argola e trapézio, ao lançamento do dardo, do peso e do disco; ténis, foot-ball, cricket e box; saltos à vara e em altura; corrida de velocidade e de resistência; vela e noções de náutica e de bombeiros; sinais de bandeira, de espelho; manipulação de cordas com destreza e também alfabetização"[23].

Durante a crise provocada pela extinção do Liceu Gil Eanes (26/10/1937)[24], os Falcões – muitos eram alunos liceais – tiverem um papel actuante em defesa da casa de educação. Na decorrência da pressão da cidadania, o liceu foi restabelecido em menos de um mês (24/11/1937). A reabertura do prestigiado estabelecimento de ensino foi festejada nas ruas da cidade, "percorridas por grupos de estudantes que davam largas ao seu entusiasmo, agitando a bandeira do Liceu e dos Falcões de Cabo Verde"[25].

Ensino activo, racional e completo

> Os mastros do *Sol-Nascente* irrompiam garbosos da parada dos *Sokols*. Joel da Silveira cada vez conquistava mais prestígio entre a juventude. Tendo enveredado para cursos práticos de electricidade, serralharia, marinharia, carpintaria, além dum elevado esforço aplicado na alfabetização dos filiados adultos. Joel colocou-se finalmente num plano em que as napoleanices, hitlerices ou mussolinices da sua imagem se eclipsavam prante os aspectos positivos da sua liderança.[26]

> Sentava-se sobre a caixa do leme para instruir a turma de vinte alunos, incluído o comandante Joel, que também quis aprender a arte da marinharia.
>
> [...]
>
> Vamos aprender seis nós na lição de hoje (era preciso puxar pelos moços). E amanhã temos de repetir tudo antes de avançarmos nos nós Para começar, reparem, meia volta e cote. Assim, assim. Tu, aí da proa, anda cá. Repara bem, Assim, assim. Tenta agora com as tuas mãos.[27]

---

[23] RAMOS, Manuel Nascimento – *Mindelo d' outrora*, p. 54.

[24] O Liceu Infante D. Henrique – único liceu da colónia – foi criado em 1917 na cidade de Mindelo (Lei n.º 107, de 13 de Junho). Foi extinto no ano de 1937 (Decreto n.º 28.114, de 26 de Outubro), tendo sido instituída, em alternativa, a Escola Prática de Agricultura na ilha de Santiago e a Escola Industrial e Comercial na ilha de S. Vicente. Esta medida provocou reacções de desagrado em todo o arquipélago. Foram organizadas manifestações de repúdio nas ruas da cidade de Mindelo com o envolvimento de cidadãos, estudantes, professores, pais e da Câmara Municipal. A pressão cívica resultou, pois em menos de um mês foi restabelecido o liceu (Decreto n.º 28.229, de 24 de Novembro de 1937), com a designação de Liceu Gil Eanes.

[25] SILVA, Francisco Lopes da – "História breve da educação em Cabo Verde IV". *Notícias* (17 Abril) p. 14.

[26] SOUSA, Henrique Teixeira – *Capitão...*, p. 381.

[27] SOUSA, Henrique Teixeira – *Capitão...*, p. 365-367.

Desportos náuticos praticados pelos *Falcões Portugueses* de Cabo Verde

Com 2.025 filiados[28], não sendo uma organização exclusivamente estudantil, a associação propunha-se "divulgar conhecimentos práticos requeridos pelas necessidades da vida, impulsionar o ensino técnico e combater o analfabetismo"[29]. Em ruptura com a resignação social, face a uma população em "atitude regressiva ou degenerada, atitude fetal e de velhice, de decadência e de subserviência", o jornal dos *Sokols* contrapunha ao "ensino instrutivo passivo, memorisado e sedentário", um "ensino activo, racional e completo, onde os exercícios físicos, escolhidos, ordenados, cientificamente aplicados, constituem um meio de aperfeiçoamento do homem, uma actividade escolar que procura e obtém o aumento da sua energia biológica, moral e social"[30].

Indiferentes a politiquices

A cultura baseada nos valores da obediência, da vontade e da autoridade inseria-se no espírito da época: "entre las dos guerras mundiales, en Europa, la juventud se convirtió en un verdadero campo de batalla en el que se manifestaba la polarización social."[31] Henrique Teixeira de Sousa recriou "a saudação ou continência à romana" evocativa dos signos dos movimentos juvenis de raiz totalitária, considerando-a "um gesto cordial":

---

[28] RAMOS, Manuel Nascimento – *Mindelo d' outrora*, p. 54.

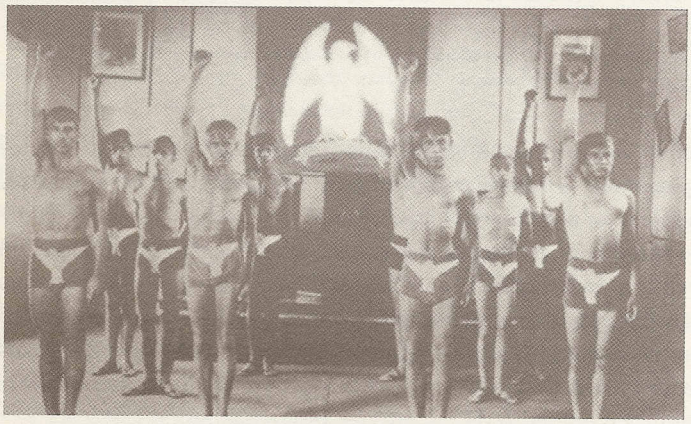
[29] Art. 2º, Estatutos dos «Falcões Portugueses de Cabo Verde», 23 de Outubro de 1934.

[30] *Boletim dos Falcões de Cabo Verde*. N.º 2 (Fev. 1936) p. 4.

[31] DEPAEPE, Marc; SIMON, Frank – "La conquista de la juventud: una cruzada educativa en Flandres durante el período de entreguerras". *Historia de la educación, revista interuniversitária*. 18 (1999) p. 301.

A saudação ou a continência era à romana no seu primeiro movimento, à laia de «Ave, Caesar». Em seguida, trazia-se a mão ao encontro do peito, o bordo do indicador encostadinho mesmo ao coração. Não era por conseguinte uma saudação nazi ou fascista, mas cordial («ex corde ad cordem», como também explicou o mestre Lucrécio).[32]

O administrador achou bem interromperem a conversa por alguns minutos para visitarem as instalações, tanto mais que ela estava a enveredar para um tom nada simpático. Joel da Silveira tomou a dianteira, começando por mostrar o salão onde havia uma mesa de pingue-pongue ao meio, dois recantos com cadeiras e mesinhas de verga, armários com livros, galhardetes de vasos de guerra visitados, fotografias de paradas e exibições gimnodesportivas e outras actividades. Na parede do fundo, um gigantesco falcão de asas abertas, pintado por Fernando Torres, empoleirava-se sobre uma larga fita onde se lia «Força e Disciplina».[33]



Saudação dos *Falcões Portugueses* de Cabo Verde

Um dos oficiais dos *Sokols*, Manuel Nascimento Ramos recorda, no livro *Mindelo d'outrora,* a visita do navio-escola «Jadran» da armada jugoslava a S. Vicente e a recepção no Porto Grande pelos *Sokols* de Cabo Verde com "a saudação à antiga romana e com a mão sobre o peito"[34]. O texto literário reinventa o desconforto social causado pela ostentação de signos e rituais importados de movimentos juvenis contemporâneos, de ideologia fascista. O silêncio das fontes documentais sobre esta matéria é significativo.

---

[32] SOUSA – *Capitão...*, p. 129-130.

[33] SOUSA – *Capitão...*, p. 352.

[34] RAMOS, Manuel Nascimento – *Mindelo...*, p. 55.

No editorial intitulado "Cá estamos", os Falcões demarcam-se do poder: "Somos indiferentes a politiquices de cada um e só nos interessa tratar de assuntos que redundem em benefício de Cabo Verde, de uma maneira geral"[35]. Na escrita de um enigmático X, os filiados na organização aspiravam à liberdade, "a mais bela essência da Natureza":

> Liberdade e Vida confundem-se e completam-se. É que não pode haver movimento sem liberdade. [...] Limitar-nos-emos por hoje a registar, entre as inúmeras fórmulas discutidas durante tantos séculos de agitação do problema, aquela que teve talvez o maior eco e influencia. Referimo-nos à que foi fixada, em 1789, pela Assembleia Constituinte Francesa, no artigo 4.º da sua *Declaração dos Direitos do Homem:*
>
> "A liberdade consiste em poder fazer-se tudo o que não seja prejudicial a outrem. Portanto, cada homem pode exercer os seus direitos até os limites que garantem aos outros homens o gozo desses mesmos direitos. Só a Lei determina tais limites".
>
> Essa fórmula, pela sua proclamação da Liberdade dentro da Ordem, é ainda actualmente a que existe, sob aspectos diversos, no espírito de maior número de Constituições dos Estados e de regras de Direito.
>
> Não é pois ousadia concluir-se que, seja qual fôr o seu credo político, todo aquele que estude, compreenda e pratique essa fórmula poderá considerar-se *um cidadão*, no que essa designação tem de mais elevado e progressivo.[36]

João Nobre de Oliveira, analisou o jornal dos Falcões e verificou que não se "escrevera uma só vez o nome de Salazar e nem sequer um abrangente "Viva Portugal". Exaltara-se "Cabo Verde em vez da Mãe-Pátria e, pior ainda, parecia estar ligado a um país estrangeiro onde fora buscar a inspiração, chegando mesmo a receber uma visita da organização congénere"[37].

Podiam ser águias

A intervenção cívica dos *Sokols* ganhou visibilidade pública em episódios históricos da vida da cidade de Mindelo. Em 1934, quando um grupo de famintos, comandados por Ambrósio, assaltou os armazéns da Alfândega de Mindelo em busca de milho e de outros produtos[38], o governo pediu aos Falcões para acalmarem a população:

---

[35] *Boletim dos Falcões de Cabo Verde.* N.º 1 (Jan. 1936) p. 1-2.

[36] *Boletim dos Falcões de Cabo Verde.* N.º 1 (Jan. 1936) p. 2.

[37] OLIVEIRA, João Nobre de – *A imprensa cabo-verdiana (1820-1975)*, p. 468.

[38] A revolução de Ambrósio consistiu numa manifestação da população de Mindelo, no dia 7 de Junho de 1934, que pedia ao governo que tomasse medidas para socorrer a população desempregada, numa época de grave crise alimentícia. A marcha dos manifestantes começou junto à casa de um carpinteiro, Nhô Ambrose [Sr. Ambrósio] e rumou até à Praça da República, aos gritos de «miséria» e «fome». O poema "Capitão Ambrósio" de Gabriel Mariano mitificou o carpinteiro-herói que empunhou a "bandeira / negra bandeira / bandeira negra da fome / em mãos famintas erguidas / guiando os passos guiando / nos olhos livres voando / voando livre e luzindo / inquieta e livre luzindo / luzindo a negra bandeira / clara bandeira da fome". MARIANO, Gabriel – *Capitão Ambrósio*, p. 3-4.

O comandante Bento de Oliveira leva a questão ao conselho dos primeiros-oficiais, de que eu fazia parte e a resposta foi negativa. Argumentámos que éramos uma associação cívica e por isso não nos íamos envolver em política. Era, no fundo, uma forma de mostrar que tínhamos personalidade própria. Nós não fomos uma juventude amorfa. Lembro-me também de, nessa altura, o Dr. Baltasar [Lopes] ter discursado para a população, na pracinha da Câmara, com a tropa formada. Fez um discurso de tal modo exaltado que o Augusto Miranda – outra grande figura de S. Vicente – teve de intervir imediatamente para deitar água na fervura.[39]

O excessivo protagonismo de uma organização, inspirada em associações patrióticas e cívicas da Checoslováquia, não era compatível com a ordem estabelecida pelo regime do Estado Novo. Teixeira de Sousa ficcionou a vigilância das autoridades coloniais, premonitória do fim da organização:

[Num desfile de protesto contra a extinção do liceu] Aquele mar de criaturas veio espraiar-se no Largo da Salina, frente ao quartel dos Sokols. Veio espraiar-se com tanta impetuosidade que o desfile prosseguiu com jeitos de repetir o itinerário percorrido. Então o Sr. Administrador achou que já era marcha a mais, clarinete a mais, rebuliço a mais, e mandou o chefe da Polícia parlamentar com o comandante dos Falcões.

– Só mais uma voltinha – implorou Joel da Silveira alagado em suor.

– Mas só mais uma voltinha, Sr. Joel – comentou o chefe da Polícia.[40]

O *canto do cisne* dos Falcões Portugueses de Cabo Verde acontece quando a Mocidade Portuguesa se instala na colónia. A passagem de testemunho da associação cívica para a Mocidade Portuguesa e a submissão ao poder do governo colonial foi reconstituído por Teixeira de Sousa:

– Ora, Sr. Comandante, aqui o Sr. Administrador já me relatou pormenorizadamente as actividades desta associação. De resto, em Lisboa, isto é, na Mocidade Portuguesa, não ignoramos a vossa existência. Estou incumbido duma importante missão, missão que consiste em fazer os primeiros contactos com as entidades responsáveis directas da educação dos jovens em todas as colónias, com o objectivo de estendermos a Mocidade Portuguesa até estas terras. Ora, aqui, em Cabo Verde, vocês têm já um embrião, que é isto, parece que com filiais ou sucursais noutras ilhas, segundo me informou o Sr. Administrador. Há um começo, um começo, aliás, muito auspicioso, muito prometedor, pelo que vejo. Para encurtar razões, que acha o Sr. Comandante à ideia de transformarmos isto em Mocidade Portuguesa?

Joel de Oliveira acelerou o mexer das pálpebras, entortou a boca num sorriso de estranheza e de embaraço ao mesmo tempo. Alfredo Araújo fez uma carona de meter medo. O Sr. Administrador não pôde esconder a sua curiosidade. Qual seria a resposta de Joel da Silveira?

---

[39] LOPES, José Vicente – *Cabo Verde: Os bastidores* ..., p. 93.

[40] SOUSA, Henrique Teixeira de – *Capitão* ..., p. 168-169.

Como que por milagre ou por dignidade do cargo, Joel empertigou-se frente ao major e falou:

– Nada temos contra a Mocidade Portuguesa. De resto é uma instituição também benéfica para a juventude. Só que nós aqui nos Falcões não estamos interessados em ser outra coisa que não seja só Falcões.

– Mas podiam ser águias. Então voavam mais alto – replicou o major com expressão irónica.

– As nossas asas bastam para lá chegarmos – disse Joel meio a sério, meio a gracejar.[41]

Durante três anos (1936 a 1939), *falcões* e *águias* coexistiram. Com a presença da Mocidade Portuguesa, no arquipélago (Decreto 29.453, de 17/2/1939), "os membros associados dos Falcões Portugueses de Cabo Verde deveriam "converter-se na Ala nº 2, Afonso de Albuquerque, sob o comando do Capitão Luís Ferreira Pinto, que era também o administrador do concelho de S. Vicente"[42]. A imprensa deu destaque ao acontecimento:

O criador admirável da primitiva instituição [Falcões], precursora da actual [Mocidade], Sr. Júlio Bento de Oliveira, [...] formou, com estrénuos esforços e sacrifícios inúmeros de jovens inteligentes e dedicados, como Adolfo de Oliveira, Malaquias Roberto, Filipe Pinheiro e outros, que, por sua vez e em cooperação com o seu prestimoso comandante, instruíram muitas centenas de rapazes em exercícios diversos de ginástica e mais desporto.

A Ala nº 2 é superiormente comandada pelo capitão de cav. Sr. Luiz Ferreira Pinto, distinto Administrador do Concelho.

Os exercícios desenvolveram-se, recentemente, de maneira intensiva, a fim de termos rapazes da Mocidade, em número de 200, a prestar homenagem a Suas Excias o Presidente da República e o Ministro das Colónias, na sua visita à cidade da Praia.

Há dias, depois de uma bela parada no Largo Almirante Reis, cerca de 800 moços desfilaram garbosamente pelas ruas da cidade do Mindelo, impressionando orgulhosa e enternecedoramente a população.

No dia 21 do corrente, à tarde, no referido Largo, fez-se o ensaio geral dos exercícios que serão exibidos na Capital da Província.

Assistência numerosíssima, em que abundaram senhoras e meninas, com a presença do Sr. Governador de Cabo Verde.

Marchas interessantes, lindos números de ginástica musicada ao som de alguns instrumentos da Banda, homenagem à Pátria, com cantos apropriados.

Surpreendeu agradavelmente a perfeição com que foram executados, atendendo ao curto espaço de tempo dos ensaios.

Mereceram bem os simpáticos executantes os calorosos aplausos com que foram premiados.

Fazemos votos muito sinceros para que honrem Cabo Verde em geral e S. Vicente em especial, perante os ilustres visitantes.[43]

---

[41] SOUSA, Henrique Teixeira de – *Capitão...*, p. 351.

[42] OLIVEIRA, João Nobre de – *A imprensa...*, p. 469.

[43] *Notícias de Cabo Verde*. N.º 186 (23 Jun. 1939) p. 2.